

## Desenhos

Escolas de arte lutam  
pela sobrevivência

Página 3

Quadrinhos são utilizados  
em campanhas educativas

Página 3

Empresas usam cor para  
aumentar produtividade

Página 5

Terapia com lápis e papel ajuda  
no crescimento das crianças

Página 5



## Carta ao leitor

# Da parede das cavernas ao LCD

O ato de desenhar é uma das atividades mais antigas praticadas pela espécie humana. O ancestral rabisco na parede das cavernas vem sendo desdobrado, aos longo dos séculos, numa grande variedade de possibilidades. É esse universo do desenho que é o tema escolhido para ser alvo de reportagens nesta edição do jornal laboratório O Berro.

Curiosamente, num momento em que as plataformas digitais são o assunto da moda (tablets, smartphones, computadores), os velhos e bons lápis e papel continuam

sendo usados numa infinidade de atividades, seja por tradição, comodidade ou, sobretudo, por sua extrema funcionalidade (estão sempre à mão, não precisam de energia, são muito baratos). Até os arquitetos, há décadas munidos de softwares que ajudam nos seus desenhos e cálculos, muitas vezes ainda rabiscam no papel seus primeiros esboços.

Não que o papel seja o único suporte e o lápis o único instrumento para o desenho. Como mostram algumas reportagens, tecidos para

roupas, vidro e paredes, tudo pode ser vir de base para a lúdica atividade dos rabiscos.

Ao longo das próximas páginas, o leitor vai encontrar reportagens que tratam de temas como a luta das poucas escolas de arte para sobreviver. Aqueles que se formam, têm de enfrentar outra batalha que é a luta pelo reconhecimento num mercado profissional muitas vezes limitado.

Sendo uma das expressões mais completas da arte do desenho, os quadinhos têm sido usados em campanhas

educativas desenvolvidas por várias instituições sérias. Apesar de não ser uma coisa nova - nos anos 40 os quadinhos já eram utilizados com esse fim - iniciativas recentes como campanhas do trânsito reforçam o papel social que a atividade pode desempenhar.

Um dos lados mais visíveis da atividade de desenhar são os caricaturistas que divertem as pessoas esboçando desenhos faciais que ressaltam os traços mais marcantes de cada um.

O jornal também aborda, em uma reportagem, o

uso terapêutico do desenho, em crianças e pessoas na terceira idade.

E mostra como algumas empresas já entenderam que ter um ambiente colorido e ilustrado por desenhos pode até influenciar na criatividade e na produtividade de seus funcionários.

Da litografia, que gravava na pedra os traços, à suave tela do computador, manuseada com a ponta dos dedos e sem tinta, riscar e reproduzir o mundo ao redor será sempre um prazer para as pessoas.

## Arquiteto mantém tradição do desenho

EMANUELE CARVALHO

A principal forma de expressão do arquiteto nasce de um processo criativo que resulta em traços e formas simples incapazes de serem explicadas apenas com palavras. Os pessimistas garantem que o desenho arquitetônico está caindo em desuso, mas há quem acredite que a arte de desenhar não acabe, nem mesmo que seja substituída por traços feitos por programas de computação gráfica.

O desenho passou a ser utilizado como meio de representação do projeto arquitetônico a partir do Renascimento, quando a leitura do traçado e a normatização imposta criaram uma linguagem universal. “Dividimos o desenho arquitetônico em dois: desenho técnico, que é a principal ferramenta de comunicação do arquiteto



Foto: Emanuele Carvalho

**ARQUITETURA** Andréa Câmara ainda usa desenho manual

com a sociedade; e o desenho de expressão, a intenção do arquiteto com o projeto”, explica a coordenadora do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Pernambuco, Andréa Câmara.

Na atualidade, o desenho arquitetônico passa por dois processos: “o primeiro consiste na ideia que é colocada

no croqui, forma de desenho mais livre, e depois o projeto é passado para um software específico onde é impresso e apresentado ao cliente, mas já foi diferente”, diz a arquiteta e urbanista Maria Carolina Abreu, do escritório de arquitetura que leva o mesmo nome. “Antes o processo de criação no croqui era igual, mas não tínhamos que

passar nada para o computador, sujávamos as mãos e passávamos horas com papel e nanquim para finalizar um projeto, o que tornava tudo mais legal, mais pessoal”, completa a arquiteta que agora conta com a ajuda de uma desenhista técnica ou cadista, nome dado em referência ao Autocad, software mais utilizado na arquitetura, para digitalizar seus projetos.

No escritório de Maria Carolina Abreu trabalha a arquiteta Carla Simas, que dedica horas desenhando no computador traços inicialmente feitos no papel. “Nunca fui muito boa desenhista e achei no Cad um caminho para conseguir me expressar na arquitetura. Claro que desenho a mão também, mas nada tão preciso e prático quanto faço no computador. Ganho muito tempo com o avanço da tecnologia”, diz

Carla Simas. O tempo despendido para a finalização também é um diferencial. “Um projeto que levava dois meses para ficar pronto, porque além de criar ainda perdia muito tempo desenhando, agora leva um mês”, completa a arquiteta Gabriela Guerra, que pode dedicar-se a mais projetos por conta da praticidade que os softwares trazem.

A coordenadora do curso de arquitetura da Unicap garante que o Cad não acaba com o processo de criação arquitetônica feita a mão e que a tendência é só evoluir, agregando os recursos que a tecnologia oferece. “No curso de arquitetura, por exemplo, os alunos aprendem as duas formas. No primeiro ano de curso, o desenho a mão é prioridade; no segundo, é iniciada a computação gráfica”, diz.

### EXPEDIENTE

# O BERRO

O BERRO é uma publicação da Disciplina Jornal-Laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco.

Rua do Príncipe, 526 - Boa Vista - Recife-PE 50.050-900  
CNPJ 10.847.721/0001-95 Fone: (081) 2119.4000  
Fax: 81 2119.4222 | site: www.unicap.br/oberro

**Coordenador do Curso de Jornalismo**  
Juliano Domingues

**Professor Orientador**  
Marcelo Abreu

**Subeditora**  
Alline Lima

**Repórteres**  
Alexandre Vinícius  
Alline Lima

Caio Tacconi  
Emanuele Carvalho  
Isabella Andrade  
Joyce Warren  
Juliana Isola  
Laís Capistrano  
Lui Coutinho  
Marina Suassuna  
Nathália Guimarães  
Priscila D'Arc  
Ricardo Baroni  
Victor Ferreira  
Vivian Raposo

**Revisão**  
Fernando Castim

**Diagramação**  
Flávio Santos

**Impressão**  
FASA

Baixe a versão digital de O Berro.



1. Abra o leitor QR Code em seu celular; 2. Foque o código com a câmera; 3. Clique em Ler Código para acessar os conteúdos. Caso não tenha o leitor no seu celular, baixe em: <http://getreader.com/>

# A persistência das escolas de artes



Foto: Lui Coutinho

**MODA** Procura por desenho de moda é grande

LUI COUTINHO

Mais do que repetidos traçados e rabiscos, desenhar exige prática, empenho e, sobretudo, persistência. O lançamento, há quatro décadas, da graduação de licenciatura em Artes Visuais, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), surgiu como contribuição para incentivar e direcionar estudantes interessados em se aperfeiçoar na técnica do desenho. Cursos na área, no entanto, são raros no Recife e dependem, principalmente, do interesse de artistas em promover oficinas.

Artista plástico há 36 anos, Renato Valle, 54, aprendeu as técnicas de desenho após muita observação. “O aprendizado era informal. Frequentava ateliês de artistas conhecidos e ficava olhando o trabalho e vendo as técnicas que empregavam”, lembra. De lá pra cá, ele montou mais de 10 exposições e tem, em

seu currículo, uma extensa lista de prêmios.

Em 1976, a Escola de Belas Artes de Pernambuco foi extinta. Inaugurada em 1932, a unidade encerrou as atividades e se uniu a outras graduações para formar o Centro de Artes e Comunicação (CAC), ligado à Universidade Federal de Pernambuco.

Uma das alternativas para os que desejam especializar-se na área é o curso de licenciatura em Artes Visuais. Atualmente, existe uma única entrada, com 30 vagas. A previsão para 2014 é a criação do bacharelado.

De acordo com a coordenadora do curso, Maria das Vitórias Negreiros, a maioria dos estudantes está em busca de formação artística. “Porém nosso perfil é a formação de professores de artes para atuar em escolas, galerias, museus ou ONGs”, afirma. Durante a graduação são dadas três disciplinas de dese-

no, sendo duas obrigatórias e uma eletiva.

Professora de arte de escolas públicas e privadas há 34 anos, Zenaide Estevão acredita que desenhar é questão de aprendizagem. “Só lamento porque não há livro didático nem sala de artes nas escolas públicas. Compro material com meu dinheiro para usar nas aulas”, afirma Zenaide, que, após 4 anos de luta, conseguiu um espaço para ensinar no galpão da Escola Estadual Helena Pugó, no bairro do Bongi.

Fundada há 59 anos, a Escola de Arte do Recife, na Rua do Cupim, nas Graças, é mais um alternativa para os que buscam aprender noções teóricas e práticas de desenho. Crianças a partir de 3 anos podem ser matriculadas. As turmas recebem até vinte alunos, incluindo os deficientes físicos ou mentais, e o custo mensal do curso é de R\$ 90.

## Conhecer o mercado é fundamental

JULIANA ISOLA

Quem trabalha com desenho ou ilustração tem que ter criatividade, persistência e estar preparado para o mercado de trabalho fora da faculdade. No Recife há um mercado em crescimento, mas que ainda lida com algumas questões como a remuneração mediana ou baixa, a desvalorização do profissional por pessoas que veem o desenho como hobby, além dos favores pedidos por amigos e conhecidos sem o pagamento pelo serviço prestado.

Recém-formada em Publicidade e Propaganda e apaixonada por desenhos, Giselle Rosa trabalha com criação no Grupo Santa Rosa, uma agência de comunicação, e com freelances na área: “No começo é mais difícil, porque não conhecem o seu trabalho naquele local”, diz. A artista plástica Ianah Maia já tra-

Foto: Juliana Isola



**TRABALHO** Ianah Maia optou por trabalhar em casa

balhou em empresas, mas prefere trabalhar em casa, no seu ritmo, com propostas e convites de clientes. O trabalho dela já é conhecido no Recife. Fez ilustrações para a banda Kalouv e participou de festivais na área, mas declara que pensou em desistir da carreira. “Até a metade deste ano, eu duvidava que pudesse viver de ilustrações mesmo. Tanto que já passei por

publicidade, animações e cinema, até entender qual é a minha área. Ainda não vivo cem por cento de desenhos, mas hoje vejo isso como uma possibilidade real, num futuro próximo”, afirmou.

O salário oferecido pelo mercado muitas vezes é baixo, fato sobre o qual Giselle já tem uma opinião formada: “Ilustração é algo caro pelo tempo, material

usado e criatividade envolvida. Muita gente não valoriza seu próprio trabalho aceitando isso”, afirma. Ela completa dizendo que o mesmo vale para os favores pedidos pelos amigos e conhecidos: “Trabalho é trabalho e possui o seu valor para que saia do jeito que o cliente quer”.

A estudante de design gráfico Débora Cabral abandonou o curso de História para trabalhar com desenhos e ilustrações, hábito que sempre cultivou desde pequena. Sozinha ou em parceria com amigos da área, diz que o cliente precisa ser orientado: “Nós precisamos ensinar a ele o que é nosso trabalho e por que ele é importante. Não podemos ficar aceitando trabalhos muito baratos, isso acaba por desvalorizar a profissão inteira, deixando as pessoas acostumadas a não pagar ou a pagar muito pouco. Para quem é

*freelancer*, fincar o pé e exigir um pagamento e prazos justos é fundamental”, declara.

Ianah afirma que o modo como muita gente encara o trabalho revela que ainda existe preconceito sobre esta área: “Uma pessoa que repete padrões e reproduz ideias ou conceitos”, disse. Para Giselle, que pensa do mesmo modo, tudo é uma questão também do profissional se posicionar e se valorizar.

Mesmo assim, as três adoram o que fazem e são otimistas: “O mercado no Recife é relativamente pequeno, mas vem crescendo”, disse Débora. Elas deixam as dicas para quem quer dedicar-se à área, como possuir um bom portfólio em mãos. Se atualizar com cursos e especializações também é importante, mas, acima de tudo, ser esforçado e gostar daquilo que faz para ser reconhecido.

# Quadrinhos passam lições de cidadania

ALLINE LIMA

Desde os anos 40, o quadrinho vem conquistando seu espaço como ferramenta educativa. A maneira de expor histórias e a boa recepção por parte do público são fatores que influenciaram a escolha do gênero para conscientizar o leitor sobre temas como meio ambiente, consumo e educação no trânsito. Em Pernambuco, algumas instituições já fazem uso dos quadrinhos, como o Departamento Estadual de Trânsito (Detran), a Agência Estadual de Meio Ambiente (CPRH) e o Ministério Público de Pernambuco (MPPE).

Lailson de Holanda Cavalcanti é artista gráfico, cartunista e autor dos personagens da “Turma do Fom Fom”, lançada em 2003 para o Programa de Educação no Trânsito, do Detran. Através de narrativas construídas com linguagem acessível a diferentes tipos de público, os personagens Barruada, Palhaço Fom Fom e Boneca Bibite oferecem dicas de segurança e alertam os condutores para os riscos na direção. Para o cartunista “o gênero é uma ex-



**POLUIÇÃO SONORA** MPPE expõe tema ao público através do quadrinho “Silento e o Barulho”

celente ferramenta educativa, pois atinge simultaneamente todos os centros cognitivos do cérebro, tanto pela imagem como pelo texto”.

A educação ambiental é debatida nos quadrinhos de “Joca Descobre o Meio Ambiente”, produzidos pela CPRH desde 1990 para os públicos infantil e adulto envolvidos em projetos da instituição. De autoria do chargista Antônio Clériston, o protagonista apresenta olhar

crítico e interesse em resolver problemas relacionados ao tema. “É uma forma mais leve e atrativa de apresentar as informações, especialmente para aqueles que não estão acostumados aos textos científicos”, afirmou Lúcia Maria, gerente de Educação Ambiental da CPRH.

Outra instituição que utiliza os quadrinhos é o MPPE, através de iniciativas dos promotores de Justiça Liliane Fonseca, de Defesa do Con-

sumidor, e André Silvani, do Meio Ambiente. A história intitulada “A escolha certa”, de autoria de Marcel Calbusch, ilustrador da empresa Mídias Educativas, traz informações sobre o direito do consumidor e esclarece a questão da publicidade enganosa. Já as tramas “Silento e o barulho” e “Lixo: quem se lixa?”, ilustradas por Edigleyson Menezes e Jarbas Domingos, respectivamente, tratam da poluição sonora e do destino

dos resíduos sólidos. “Durante a criação, tentamos fazer com que o leitor se identifique com o personagem para causar o efeito desejado, seja de carisma ou repúdio”, disse Jarbas sobre o processo de desenvolvimento das histórias em quadrinho.

Segundo a produtora executiva do Ministério Público de Pernambuco, Evângela Andrade, a decisão de incluir os quadrinhos nas campanhas partiu dos promotores de Justiça para quebrar a dureza dos temas abordados. A preocupação com o uso do humor nas histórias foi lembrada por Andréa Corradini, analista publicitária da instituição. “É preciso cautela para não ferir a dignidade humana”. André Silvani, que também é coordenador do Centro de Apoio às promotorias de Justiça do Meio Ambiente (Caop Meio Ambiente), afirmou que “o uso das histórias em quadrinho como ferramenta educativa se justifica por seu apelo à simplicidade, cativando todo público, além de ser um instrumento indispensável como uma forma de esclarecimento e sensibilização”.

## Caricaturistas divertem turistas no Recife

RICARDO BARONI

Os traçados ágeis com o lápis vão transformando rapidamente folha em branco. A espera faz parte da experiência. “Será que eu vou ficar muito feio?” É sempre característico encontrar nas praças do Recife aquela figura que chama atenção de todos que passam por sua simpatia, e seus desenhos de rostos exagerados feitos à mão. Um nariz meio torto, um olho maior do que o outro, ou uma orelha levemente pontuda: todos nós temos alguma característica que pode ser evidenciada de forma engraçada por um bom caricaturista.

O preço de uma caricatura, no Recife, pode variar bastante. É possível pagar de

R\$ 8 a R\$ 60, dependendo do artista, do material utilizado, e do grau de detalhes do desenho. João Gonçalves trabalha como restaurador de peças em argila durante a semana, e nos finais de semana tira um dinheiro extra fazendo desenhos de turistas na Praça de Boa Viagem. Gonçalves cobra R\$ 9 para uma caricatura simples, concluída em aproximadamente três minutos, e R\$ 30 em uma caricatura mais elaborada, que demora pelo menos meia hora para ser finalizada. “Muitos turistas pedem caricaturas parecidas com as da revista “Veja”, que são muito trabalhadas. Cobro um valor diferente, dependendo da exigência do cliente”, disse.

Já Ércio Wanderlei tra-

balha há dez anos exclusivamente fazendo caricaturas pelas capitais do Nordeste.

*“Para ser um caricaturista de rua é preciso uma habilidade natural com desenhos, rapidez no pensamento, bom humor e olhos aguçados para enxergar detalhes”, conta Sérgio Barros*

Há seis meses tem um ponto fixo na orla de Boa Viagem, próximo ao edifício Acaiaca.

Wanderlei afirma já ter feito mais de 10 mil caricaturas ao longo de sua vida. “É muito gratificante quando meus desenhos causam gargalhadas nas pessoas.”, disse.

Mas nem tudo são flores na carreira de um caricaturista de rua. Segundo Wanderlei, para exercer a profissão, é necessário muito jogo de cintura e habilidade para contornar situações constrangedoras, pois muitos não entendem bem o conceito da arte e acabam ficando irritados com o resultado final dos desenhos. Wanderlei explica que existem dois tipos de pessoas que ocasionalmente podem não gostar tanto de sua caricatura: “Há aqueles que não compreendem que é uma piada, e aqueles que

riem dos outros, mas perdem a esportiva quando são caçados.”

Segundo o ilustrador e caricaturista Sérgio Barros, desenhar ao vivo, na frente do cliente, não é uma tarefa fácil: “Para ser um caricaturista de rua é preciso uma habilidade natural com desenhos, rapidez no pensamento, bom humor, e olhos aguçados para enxergar detalhes”. Barros afirma também que antes de começar a passar para o papel, o desenhista tem que visualizar a relação de tamanho entre cada ponto da face da pessoa que vai ser desenhada. “O que acaba chamando atenção em um rosto não é o tamanho do nariz, por exemplo, mas seu contraste com o resto do corpo”, diz.

# Criatividade é a alma do negócio

PRISCILA D'ARC

Um lugar cheio de cores e com desenhos. Esse é o cenário que muitos podem usar para descrever uma escola ou creche, por exemplo. Mas a surpresa está por vir quando se lê no letreiro o nome de uma empresa. Algumas estão adquirindo um formato descontraído em sua decoração como uma forma de integrar e trazer ânimo aos funcionários, colocando alguns detalhes do seu cotidiano nas paredes. Para quem passa na rua, o colorido chama atenção. Os desenhos estão lá, sejam representados por grafites ou adesivos, tentando dizer alguma coisa ou passar a mensagem de que ali se faz um trabalho diferente.

Lugares assim geralmente podem ser vistos no Bairro do Recife, como é o caso da empresa de comunicação Exclusiva!BR, localizada em um casarão antigo, mas com a fachada nova e remodelada, cheia de desenhos. “A ideia foi juntar o novo com o antigo, pegar o casarão que tinha uma identidade mais séria e colocar uma imagem jovem e colorida, trazendo o aspecto inovador e inusitado”, conta Igo Mariano, diretor de arte da Exclusiva!BR.

Outro ponto importante está liga-



**CASA NOVA** Empresa de comunicação pinta desenhos para inovar a fachada

do à produtividade dos funcionários. “Nossa intenção também é deixar o pessoal mais à vontade, já que eles passam uma grande parte do tempo aqui”, completa Mariano.

“Todas as vezes que passo pela frente da Exclusiva BR, fico imaginando o tipo de trabalho que eles fazem. Por ser um empresa de comunicação, acredito que deve ser bem diferenciada porque essa é a mensagem que eles passam com esses desenhos usados na fachada”, disse o desenvolvedor de *software* Rudinei Barbosa, que trabalha

em um prédio localizado em frente à Exclusiva BR.

Além da empresa de comunicação, outros lugares também estão colocando desenhos na fachada. É o caso do Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife (Cesar), que tem as tradicionais gravuras de Cordel em suas paredes, misturadas com imagens de cabos e conectores, o que faz lembrar o tipo de trabalho que se faz ali. “Um dos motivos da nossa pintura é estarmos localizados no Recife Antigo, por isso trazemos o regionalismo a nossa

fachada. Junto a isso, estão as imagens ligadas à informática, o que faz alusão à tecnologia”, conta Leo Macedo, designer do Cesar

## CROMOTERAPIA

Engana-se quem pensa que esta moda serve apenas para deixar o ambiente mais bonito. As pinturas são baseadas em pesquisas científicas. Muitas das empresas que adotam esse tipo de decoração também fazem estudos sobre a cromoterapia, técnica pela qual as cores são utilizadas como fonte de cura, sendo capaz de influenciar no humor e em sintomas de desconforto causados pelo excesso de trabalho.

Segundo a decoradora e arquiteta da secretaria Extraordinária da Copa de 2014, Aline Rodrigues, o ambiente pode interferir na produção do trabalho. “Quando vamos decorar um ambiente de trabalho temos que levar em consideração muitos fatores que podem influenciar na produtividade. Também é preciso que o cliente acredite no tipo de filosofia que vai basear parte da sua nova decoração. Se optar pela inclusão dos desenhos no ambiente de trabalho, ele pode ficar ciente de que isso pode gerar um aumento na criatividade”, diz a decoradora.

## Atividade aguça sentido das crianças

NATHÁLIA GUIMARÃES

Não há dúvidas de que a maioria das crianças adora desenhar. Mas engana-se quem pensa que esta atividade tem como único objetivo a diversão. Os rabiscos coloridos servem também como base para tratamentos em consultórios médicos.

Já está provado que os desenhos podem melhorar a atenção e a capacidade de se expressar dos pequenos. Segundo a arte-terapeuta que atua no espaço Viver Criança, Camila Martins, sentir a textura do papel através do lápis é uma atividade prazerosa que aguça os sentidos de maneira simples. “É através dos primeiros desenhos que aprendemos sobre cores, formas e sentimentos, na prática, o movimento que cada material combinado pode representar visualmente. Tudo isso acentua a criatividade”, afirma.

E as vantagens relacionadas a desenhos na infância não param por aí. Ultrapassam o desenvolvimento e chegam até o tratamento de síndromes como hiperatividade

e autismo. Sofia Barbosa, psicóloga que atua em escolas e creches pelo Recife, explica que, nos consultórios, os desenhos são uma maneira de diagnosticar problemas que a criança ainda não tem maturidade para falar. “Desenhando, elas representam bem a realidade que está em volta delas. É uma chance oportuna e divertida de demonstrar como estão lidando com suas habilidades motoras e cognitivas”, conta.

Maria Silveira, de quatro anos, faz terapia com desenhos por apresentar sintomas de hiperatividade desde os dois anos. Para sua mãe, a contadora Mariana Silveira, desde que sua filha aprendeu a se expressar através do lápis e papel, sua capacidade de concentração aumentou consideravelmente. “Quando está desenhando, ela fica calma e concentrada. Como mãe, aconselho todos os pais a inserirem este passatempo no cotidiano dos filhos”, conta. Já Maria, vê a atividade como uma maneira divertida de passar o tempo. A pequena conta que ao desenhar opta pela variedade de cores e

formas no papel.

Outra mãe que aprova a atividade no cotidiano do filho é a engenheira civil Lizandra Passos. Para ela, desde que o pequeno Matheus, de sete anos, começou a exercer o passatempo com frequência, seu desempenho em sala de aula aumentou. A mãe ainda conta que ele se habituou a desenhar mesmo quando está sozinho. “Antes o Matheus preferia ficar em casa assistindo à TV. Hoje, incentivo-o a chamar outros amiguinhos para se reunirem aqui em casa para desenhar”, afirma.

Segundo a psicóloga Sofia Barbosa, os resultados dessa terapia podem significar uma adolescência mais tranquila. “Muitos dos distúrbios que os jovens apresentam são consequência de uma infância má compreendida”, conta. Para quem não tem disponibilidade para levar seu filho a um consultório, Barbosa indica uma atitude simples e eficaz. “Basta comprar papéis coloridos, algumas canetas ou hidrocores. Esta atividade, além de gratuita, é sempre prazerosa para os pequenos”, diz.

## Curso treina percepção de aposentados

ISABELLA ANDRADE

Localizado na rua Sete de Setembro, no centro do Recife, o espaço Reinventar para superar foi criado pelo professor Luciano Dinarti para ajudar mulheres aposentadas a expressar, através de desenhos, um novo modo de ver e comunicar-se com o mundo.

No curso, não só os traços artísticos são explorados. O professor treina as estudantes para ter a percepção visual e detalhar as habilidades técnicas. “Não é preciso nascer com o dom para desenhar. Aqui, esse tabu é quebrado com muita disciplina e dedicação”, conta Dinarti.

Ruth Bezerra de 63 anos é uma das integrantes do curso. A administradora desenha desde a infância. “Rabiscar sempre foi minha paixão e está aumentando cada vez mais. Ter entrado para o grupo me fez renascer. Hoje me sinto mais segura, útil e com a mente tranquila”.

# Desenhos reforçam livro infantil

ALEXANDRE VINÍCIUS

Numa época em que as palavras ainda estão começando a fazer sentido, as ilustrações no livro infantil são os principais condutores da compreensão e imaginação das crianças que estão em processo de alfabetização. Nesse sentido, o ilustrador se torna protagonista, junto ao escritor, o que acarreta um comprometimento e cuidado na condução do desenho e no verso com o texto.

A importância dos desenhos nos livros voltados às crianças e adolescente é tamanha, que disputa em categoria própria o prêmio Jabuti, a mais importante premiação literária do país que tem mais de 50 anos. A categoria Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil passou a fazer parte do prêmio desde a 38ª cerimônia, em 1996.

“O texto traz a ideia de uma comunicação direta com a ilustração, que é outra forma de leitura. O escrito e o desenhado são dois códigos que a criança vai decifrar e por isso precisa existir uma ligação muito forte entre as duas formas de compreensão”,

afirmou a professora Abigail Souza, autora dos livros infantis “Pedrinho no país das letras”, de 2010 (editora Bagaço), e “Leleco: a lagartixa que perdeu a cauda”, de 2012 (Editora da Universidade de Pernambuco).

“A ilustração mexe e conduz a imaginação. É diferente de ler e imaginar. Ver a cena vai marcar e isso requer todo cuidado com o que vai desenhar para não correr o risco de passar nada negativo, já que no livro infantil se está trabalhando com exemplos”, afirmou André Rodrigues, autodidata na arte do desenho e ilustrador dos dois livros de Abigail Souza. Além dos desenhos infantis, André também assina ilustrações e animações de peças publicitárias, como a animação produzida pela Rede Globo Nordeste em homenagem aos 100 anos de Luiz Gonzaga.

“Ele lê o texto que eu dou para ele e começa a criar as ilustrações. Existe entre mim e André um trabalho de conexão e comunicação. Eu só indico o tipo, por exemplo, um professor idoso, um aluno com cabelo em pé, mas é ele quem cria o desenho dos personagens”, contou Abigail Souza,

sobre o relacionamento criativo entre ela e o ilustrador de seus livros.

“Eu crio em cima do que me é apresentado, os autores me deixam bem à vontade para ilustrar. Já o conceito do desenho, eu faço de acordo com o que conta a história. Se for uma história mitológica, por exemplo, eu estudo a arte grega e utilizo um desenho que se remeta a ilustração da época”, afirmou André Rodrigues, que se sente livre para desenvolver a linha temática da ilustração que vai permear o livro.

Os livros escolares também são ilustrados como uma forma de facilitar a compreensão. “No livro didático, assim como na literatura infantil, as ideias do texto e da imagem se complementam. A ilustração no livro escolar serve para detalhar e enriquecer o texto, mas também para adicionar informações”, afirmou Rafael Barbosa, ilustrador de livros didáticos da editora Construir, que fica no bairro da Mustardinha, no Recife. “Esse tipo de publicação precisa manter um mesmo estilo e linha temática do começo ao fim para criar uma identidade”, completou.

# Ilustradores complementam notícias

JOYCE WARREN

Com a missão de fazer o leitor interpretar melhor as matérias de jornais e revistas, a ilustração passou de adorno para elemento essencial nas páginas dos periódicos. Com o passar dos tempos, de papiro egípcio ao computador, a arte da ilustração vem se renovando a cada nova ferramenta desenvolvida por programadores. Lápis e papel são substituídos por computadores e mesas digitalizadoras que simulam o ato de rabiscar um desenho no papel, passando a imagem diretamente para o programa de ilustração. “É de grande ajuda, pois desenhar algo mais complexo com o *mouse* é mais complicado e demorado”, diz Janio Santos, 23, diagramador e ilustrador na revista Continente e no suplemento literário Pernambuco.

A variedade de softwares existentes para elaboração de ilustrações proporciona ao artista mais liberdade na hora de criar. “A escolha de qual programa usar depende do que será a ilustração e do modo que escolhi fazê-la, embora a opção por um programa não necessariamente elimine o outro: posso utilizar os dois no mes-

mo desenho”, conta Janio Santos que usa o Illustrator (indicado a ilustrações vetoriais) e Photoshop (pinturas e tratamento de imagens) em suas obras.

Nas páginas de revistas, as ilustrações complementam e simplificam o que está no texto. “Hoje é importante uma publicação fazer uso de ilustrações e imagens para tornar agradável e, visualmente, enriquecer o conteúdo da mensagem que se queira transmitir”, conta Pedro Zenival Ramos, 58, ilustrador na Companhia Editora de Pernambuco que, apesar de usar o computador em suas ilustrações, Ramos não abre mão da tinta nanquim, guache, aquarela e tinta a óleo, utilizando como instrumento para estes materiais, penas e pincéis.

Pensar em um processo de criação, de acordo com o texto, é uma tarefa árdua e, muitas vezes, mesclam criatividade e várias técnicas. O fio condutor de uma ilustração nem sempre se esgota em apenas uma fonte. Entender o que se quer passar é fundamental, requer repertório cultural e, em parte, um trabalho de pesquisa. “Quando ilustro para revistas ou livros, tento sentir qual o tom

do texto e qual a melhor maneira de representá-lo através da imagem”, explica Karina Freitas, 25, designer na revista Continente, no suplemento Pernambuco e diretora de arte da revista de ensaios e crônicas ArtFlipporto.

Apesar de conter uma vertente artística, o design gráfico apresenta uma eterna conexão com textos. “A relação entre texto e imagem deve ser feita de modo que a ilustração tenha função de expandir o texto, ampliar a discussão do tema, embora a ilustração também possa assumir o papel de narrar”, diz Karina Freitas.

## CRIATIVIDADE

Atrelada a estrutura textual das matérias em revistas, a ilustração seduz o leitor e o convida a ler o exemplar em suas mãos já que o contato visual incita a leitura. Nesse exercício de sedução, para manter o conteúdo atraente ao leitor, todo e qualquer recurso artístico é bem-vindo. “Acho que a ilustração pode complementar, dar mais vida ao texto. Creio que é a primeira coisa vista pelo leitor e deve chamar a atenção”, diz Janio Santos.

# Chargistas usam humor como forma de protesto

VICTOR FERREIRA

“Senso de humor é o sentimento que faz você rir daquilo que o deixaria louco de raiva se acontecesse com você”. Essa frase do Barão de Itararé ilustra bem a importância do humor para a sociedade.

No jornalismo, o humor é bem representado nas charges. Nelas, os chargistas o utilizam como uma forma de protestar, ou seja, expressar uma opinião que nem sempre está nas páginas do jornal.

“É um processo parecido com o teatro. A gente diz o que o repórter, muitas vezes, não consegue dizer, por uma série de razões, no seu texto. Acredito que o humor amadurece o público em geral, então a charge serve como uma forma de fazer o leitor refletir sobre aquele assunto”, afirma o chargista Clériston, da Folha de Pernambuco.

Atuante desde a década de 70, Clériston conta que o período mais complicado que passou foi o da ditadura militar. “Era chato porque o pessoal tinha medo que o exército fosse lá para fechar o jornal, então eles censuravam muitas charges. O pior é que, às vezes, era uma charge besta, que não dizia nada demais. Outras vezes, eu fazia uma que realmente poderia ser questionada, mas como os editores não entendiam, porque olhavam rápido, acabava sendo aprovada”, disse.

Apesar de acreditar que a charge assume um tom mais crítico do que os textos jornalísticos, Clériston garante que nenhuma publicação consegue deixar de lado a opinião. “No jornalismo, tudo tem um valor embutido. Até aquela pessoa que fala ‘eu não me meto em política’ já está se metendo”.

Clériston recorda que, quando o cartunista Angeli foi certa vez entrevistado por uma estudante de jornalismo sobre o tempo de criação de uma charge, respondeu assim: “mais ou menos 42 anos, dois meses, três semanas e seis horas”. “Porque é um processo assistemático”, afirma Clériston. “Ninguém sabe dizer quanto tempo demora para Fred fazer um gol pelo Fluminense. Com a charge é a mesma coisa. Às vezes você está no chuveiro, tomando banho, e surge uma ideia, às vezes demora mais”.

# Lápis e papel podem reinventar a moda

VÍVIAN RAPOSO

Calças, camisas, bermudas, maiôs, vestidos e saias, todas essas peças do vestuário têm algo em comum: o primeiro passo para sua criação foi um desenho feito em papel. E para o esboço ser criado, o desenhista deve ter, no mínimo, alguma noção das regras básicas do desenho.

Por isso, para aquelas pessoas interessadas no design de roupas, existem os cursos de graduação em Design de Moda. No Recife, o curso pode ser encontrado na Faculdade Boa Viagem, que aposta e investe nos futuros estilistas da cidade.

Durante o curso, os alunos convivem com os instrumentos de criação desde o primeiro período, quando cursam a cadeira de Desenho Artístico. Nela, os estudantes aprendem o básico, ideal para quem não tem tanta intimidade com o lápis e papel. E com o desenvolvimento, no decorrer dos períodos, eles estudam as diversas ferramentas para criação de rou-



**DESENHO** Raíssa acredita que usar cores em seus vestidos alegria sua vida

pas e acessórios.

A estudante Raíssa Gouveia conta que logo no início do curso eles aprendem desenhos de todos os tipos para depois traçarem imagens de homens e mulheres. “No segundo período, a gente começa a aprender a dar movimento aos desenhos e a desenhar as roupas que iremos costurar”, disse.

Segundo Raíssa, os alunos aprendem a desenhar por observação, sendo estritamente proibido o decalque. Além de traçar linhas para formar os modelos que irão costurar em outra disciplina, eles também precisam saber usar as cores, pintando com lápis de cor, aquarela e hidrocor.

Para a professora da disciplina, a arquiteta e designer

Katia Lima, a cadeira é a mais importante de todo o curso. “Independente da área que o aluno queira seguir, saber desenhar é fundamental. O desenho é a base para qualquer trabalho no design de moda”, afirmou.

Ela ainda explicou que, durante o curso, os alunos aprendem a fazer seus desenhos de várias formas. O pri-

meiro e principal é o lápis e papel, seguido por lápis de cor e hidrocor, usados para colorir as roupas. Nas disciplinas mais avançadas, os estudantes começam a pintar seus desenhos com aquarela e, por último, fazem tudo digitalmente, pelo CorelDraw.

Para aqueles que não possuem o dom para o desenho, mas tem um desejo enorme de criar, a faculdade proporciona as aulas específicas para que, aos poucos, eles consigam desenvolver essa habilidade.

## AVALIAÇÕES

A professora diz que perto das provas finais, pede para que cada aluno traga oito desenhos. Eles devem fazer dois à lápis, dois com aquarela, dois com hidrocor e dois no CorelDraw. “Em cada desenho, uma roupa diferente, incluindo a figura humana”, contou a professora. Depois de todas as disciplinas cursadas, os alunos saem prontos para montar sua própria linha de roupas e acessórios.

## Jovens designers investem na carreira

LAÍS CAPISTRANO

Cores, formas e símbolos. Esse conjunto de elementos resulta em desenhos impressos no vestuário dos adeptos de roupas personificadas. Cheias de estilo e significações, as peças exclusivas que enchem os olhos dos consumidores, muitas vezes são produzidas por designers talentosos, no início da carreira, em busca de reconhecimento no meio onde atuam. Eles encontram meios de expor sua arte e, assim, popularizar seu nome no mercado.

### JOVENS NO OFÍCIO

Desde a adolescência, Douglas Carlos da Silva, de 23 anos, fazia desenhos e estampas para uma pequena confecção de camisas

que vendia através da internet a alguns amigos. Com o passar do tempo, seu interesse foi aumentando e ele aperfeiçoou suas técnicas de produção do conteúdo. Procurando se profissionalizar, Silva fez curso de design de moda na faculdade Senac e, desde então, fortaleceu seu trabalho gráfico. O ofício, que nasceu em meio a uma diversão na juventude, hoje é levado bastante a sério e todo o empenho vem-lhe rendendo posição de destaque no ramo. “Logo após terminar o curso, fui procurado para fazer as estampas e a consultoria de uma marca de roupas unisex”, acrescenta o designer. A empresa é a CCTS, reconhecida pelo visual jovem e despojado de suas peças.

Já a inspiração para

criar a coleção de camisas polo, com uma paleta de cores também idealizada pelo próprio design, é um processo simples, segundo ele. “Tenho afinidade com temas da cultura africana, indígena e elementos do cubismo. Acredito que não

*“Pernambuco sofre com a falta de mão de obra qualificada”, afirma Maria Eduarda*

há mistérios para se fazer uma peça”.

Assim como ele, outros jovens lutam para se estabelecer no mercado. Entre eles, a designer Maria Eduarda Matos, de 21 anos, que já desenvolveu alguns

trabalhos gráficos durante a faculdade e hoje é consultora de moda numa empresa recém-chegada ao estado, a Memove. Sempre em busca de qualificações no setor onde atua, Maria Eduarda afirma que conhece o processo pelo qual a peça passa desde a criação até a confecção. “Isso me dá uma base maior para o trabalho que exerço hoje”.

### MERCADO DE TRABALHO

Silva e Maria Eduarda fazem parte de uma geração de novos designers, talentosos e dedicados à profissão. No entanto, mesmo com tanta demanda, ambos reclamam a falta de oportunidades para os recém-formados. “Existe um preconceito muito grande por conta da idade. Pou-

cas empresas confiam na criação de designers mais jovens”, afirma Silva. Somado à situação, há um agravante. “Existe a procura por profissionais, mas contratam-se os que vêm de fora. Pernambuco sofre com a falta de mão de obra qualificada”, explica a designer. Segundo os entrevistados, há ainda a presença das marcas multinacionais que comercializam seus produtos na cidade a baixo preço. Elas conquistam o consumidor e enfraquecem a produção local. Apesar da dificuldade de se estabelecer neste espaço, os jovens designers não hesitam. Buscam sempre qualificações e investem no desempenho pessoal para alcançar uma carreira sólida, rentabilidade e prazer na profissão.

# Arte fusing faz experiências curiosas

CAIO TACCONI

Nos últimos anos, a arte de desenhar e fundir vidros através da técnica conhecida como *fusing* vem ganhando mais espaço nas casas dos brasileiros. A técnica *fusing* é usada para fundir duas ou mais chapas de vidro, anteriormente desenhadas pelo artesão. Para desenhar, é utilizado um cotonete específico. A técnica, apesar de simples, exige do desenhista bastante criatividade. O primeiro passo dos artesãos ao começar o trabalho é pensar o desenho do objeto, que pode ir de animais, paisagens, frutas e bonecos, até retratos trazidos pelos próprios compradores. Segundo a artesã Camila Samudio, que trabalha com essa arte há mais de quatro anos e já expôs suas peças em grandes feiras no Brasil e no mundo, após pintar com as cores a chapa de vidro, vem a hora mais difícil, a de dar vida aos seus trabalhos através dos desenhos. “O momento de pintar a chapa de vidro não me

leva muito tempo, nem considero que seja um momento complicado. Considero o momento de desenhar como o mais delicado, pois, a partir dali, estou dando forma e vida aos meus trabalhos”.

A técnica de trabalho com o vidro fundido é utilizada para dar forma, relevo ou uma determinada textura ao vidro plano. “Antes de fundir essas placas de vidro, é possível usar a criatividade para explorar desenhos, inserir metais, cores e bolhas, o que permite a criação de peças originais e exclusivas”, diz a arquiteta Leila Demétrio, que, há onze anos, comanda o Atelier Samudio Design, no Recife, especializado na produção de objetos como saboneteiras, cinzeiros, quadros, porta-recados, chaveiros, entre outros, peças que são utilizadas para fazer parte das decorações de ambiente. Após desenhar as peças, os artesãos partem para segunda parte desse trabalho, cortar com um estilete especial, em cuja ponta

encontra-se um diamante - única pedra capaz de cortar vidro - para fazer o corte do que foi desenhado. Depois desse momento se juntam pedaços de vidros em sobreposições, colocando-os no forno, elevando-se a temperatura acima dos 800°C até o ponto de fusão das peças.

## SENSIBILIDADE

Sobre a invenção dessa arte, alguns desenhistas apontam que o vidro certamente surgiu por volta de 4000 a.C. e que, só depois de muitos séculos, surgiu a arte de fundir vidros. “O sistema de fusão de vidros foi descoberto por volta de 1500 a.C.”, afirma Leila Demétrio. Entretanto, segundo Samudio, o desenho e a fusão de vidros para transformar retalhos em arte não é para qualquer um. “É uma atividade que exige bom gosto e aptidão artística, além de sensibilidade”. É importante lembrar que essas peças são únicas e, por isso, podem custar um pouco mais caro. No ateliê de Samudio existem

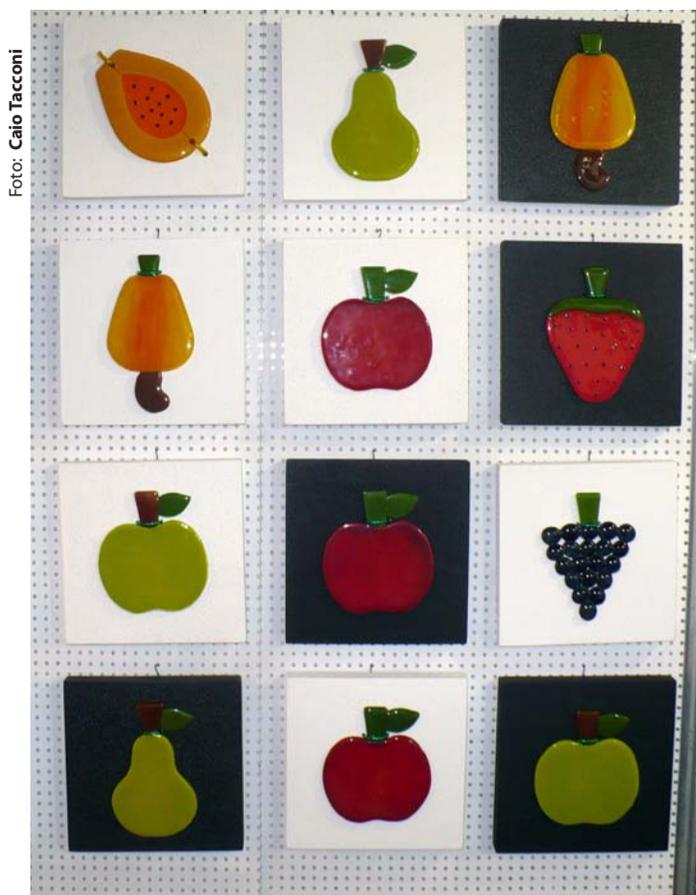


Foto: Caio Tacconi

## VIDRO EM CORES Quadros usados em decoração de ambientes

peças que podem variar de R\$ 30 a R\$ 250 reais. Mas para o bailarino clássico Julcelio Nóbrega, comprador das peças, cada centavo pago vale a pena. “Apesar dessas pe-

ças custarem um pouco mais caro, elas têm uma característica única, todas as peças que tenho em minha casa são de uma beleza singular”, afirmou Nóbrega.

# Litografia preserva estética do passado

MARINA SUASSUNA

Uma pedra porosa, em geral de calcário, foi a base utilizada para as primeiras impressões de desenho, na origem do que viria a ser a litografia. A técnica permitia a produção de cópias e desenhos originais em grande escala. “A área da pedra a ser impressa era preenchida, com lápis ou pincel, usando-se tinta gordurosa. Depois a pedra era umedecida com esponja e água e só a parte sem tinta absorvia a água”, afirma a designer Marcela Lamour, 35. A impressão era feita colocando-se o papel sobre a pedra coberta de tinta, depois de ter a gordura fixada na superfície. “A espessura da lâmina de tinta deve ser passada sobre a pedra para que todos os objetos saiam da mesma cor. Os cuidados com a pe-

dra para que ela não perca a imagem e a ordem das cores a serem impressas são coisas simples, mas que só com muita prática é que se percebem e se aprendem”, diz o estudante de design Pedro Xavier, 22.

A litografia em Pernambuco foi impulsionada pela indústria, que usava a técnica como processo gráfico para os rótulos das embalagens, sobretudo de cachaça e cigarros, no final do século 18. Segundo o professor de design da UFPE Silvio Barreto Campello, no livro “Imagens Comerciais de Pernambuco – Ensaio sobre os efêmeros de Guaianases”, a produção crescente de rótulos de cigarro permitiu o aumento contínuo da qualidade técnica no ramo da litografia. A consequência imediata foi tornar-se comum o fabricante de cigarros possuir tam-

bém uma oficina litográfica para produzir seus rótulos.

De caráter comercial, a litografia contribuiu para o sucesso dos produtos,

*A importância de preservar os registros litográficos está relacionada não só com a memória gráfica, mas, sobretudo, com a memória coletiva de imagens e referências*

que conquistavam o consumidor pelos rótulos. As ilustrações das embalagens passaram a ter papel funda-

mental na hora de chamar atenção do cliente, por isso muitas delas eram bastante parecidas. “Emular é o meio mais comum de trazer um produto desconhecido ao conhecimento geral. São muitos os rótulos de cachaça feitos a partir da litografia que trazem as cores preto e vermelho e, como símbolo, animais dos mais diversos tipos”, afirma Xavier.

## MEMÓRIA

A importância de preservar os registros litográficos pernambucanos e nacionais está relacionada não só com a memória gráfica, mas, sobretudo, com a memória coletiva de imagens e referências. Para Xavier, ver a semelhança do que o brasileiro consome hoje com o que se consumia há muito tempo guarda um valor comportamental. “É inte-

ressante notar que existem muitos rótulos com forte presença racista ou sexista. Isso revela muito de nosso processo histórico”.

## VALOR DE ARTE

Mais do que uma prática gráfica, a litografia foi responsável por influenciar padrões de consumo, valores e comportamento. Hoje em dia, a técnica ainda é utilizada, só que restrita, basicamente, a produções de arte.

“Já existem meios bem mais baratos de reproduzir imagens com muitas cores, como a fotografia. Com a litografia, é muitíssimo complicado. Nos dias de hoje, fazer uma litografia é se dedicar a um processo bastante trabalhoso e minucioso. Por isso, a grande coisa da litografia, nos dias de hoje, é que cada peça adquiriu valor de arte”, afirma Xavier.